

Com. Brasil

Recuperação perigosa

É interessante observar que a expansão do consumo ocorre num período em que os salários reais registram perdas expressivas. Pesquisa realizada pelo Dieese mostra que, em junho último, os salários reais de 82% dos trabalhadores de 51 categorias profissionais valiam menos da metade do valor que tinham em março de 1990. Nenhuma das categorias pesquisadas conseguiu recuperar inteiramente as perdas. Num quadro mais estável, em que os salários não perdessem tanto, a recuperação poderia ser ainda mais rápida.

Técnicos do governo e empresários têm observado que o aumento da atividade econômica não traz preocupações quanto ao comportamento da inflação, visto que a indústria brasileira trabalha com uma capacidade ociosa elevada (de 30% em média) e o desemprego ainda afeta muitas famílias. Mas se, neste momento, a recuperação impulsionada pela expansão do consumo é salutar, num prazo mais longo ela pode tornar-se motivo de preocupação.

Não há indicações de que a oferta possa acompanhar uma expansão continuada do consumo. Isso só aconteceria se as empresas estivessem investindo na ampliação do parque produtivo. Ao contrário do desejado crescimento dos investimentos, o que se observa é uma queda.

Puxada pela expansão, ainda modesta, do consumo, a produção brasileira começa a se recuperar, também modestamente. No primeiro trimestre, de acordo com dados do Ipea, órgão do Ministério da Economia, o PIB brasileiro apresentou queda de 6,9% em relação a igual período do ano passado. Na comparação dos segundos trimestres, a variação negativa reduziu-se para 2,9%. Se essa recuperação se mantiver até o final do ano, prevê o Ipea, o PIB poderá até mesmo registrar um crescimento de 0,3%, número que, se não chega a ser um resultado brilhante, é muito superior ao do ano passado, quando o PIB diminuiu 4%.

De acordo com as projeções do Ipea, boa parte da recuperação do PIB se deverá ao desempenho da produção agrícola, que sairá de uma queda de 1,6% no primeiro trimestre para um crescimento de 4,0% ao longo do ano. A produção industrial, embora neste ano deva ser menor do que no ano passado, também deverá se recuperar nos próximos meses. No primeiro trimestre, a indústria brasileira produziu 13,0% menos do que em igual período do ano passado; no cotejo dos segundos trimestres, a queda reduziu-se para 6,8%; no final do ano terá diminuído ainda mais, para 1,5%. Embora não com o vigor demonstrado pela produção agrícola, também o setor de serviços sairá de um resultado negativo no primeiro trimestre (queda de 2,3%) para um crescimento (de 1,0%) no ano.

Segundo o estudo do Ipea, nunca a taxa de investimentos em relação ao PIB esteve tão baixa como agora. Ela representa hoje apenas 14,9% do PIB. Ao longo da década de 70, a taxa de investimentos nunca foi menor do que 20% do PIB. Nos anos críticos da década passada, a taxa mais baixa foi de 15,3% do PIB, registrada em 1984.

Para que os bons indícios captados pelo Ipea não se transformem numa fonte de problemas no futuro, seria necessário que o País elevasse os investimentos em pelo menos um terço. Investimentos da ordem de 18% a 20% do PIB assegurariam a expansão da oferta em níveis suficientes para atender ao aumento da demanda, resultando num crescimento seguro do PIB, sem aumento da inflação. O que tolhe os investimentos é a falta de confiança no futuro. Essa confiança só será restabelecida quando a economia estiver estabilizada, o que requer, como temos observado, profundas reformas estruturais. Enquanto essas reformas não se concretizarem, continuaremos sem saber bem se vale a pena comemorar os bons resultados do presente ou se é melhor preparar-se para os problemas do futuro.